

# FIGURAS DA VERDADE NIETZSCHE, BENJAMIN E FOUCAULT

KATIA MURICY



© Katia Muricy, 2020

© Editora PUC-Rio

Rua Marques de S. Vicente, 225, casa Editora PUC-Rio

Rio de Janeiro, RJ – 22451-900

Tel.: (21) 3527-1760/1838

www.editora.puc-rio.br | edpucrio@puc-rio.br

*Conselho gestor:* Augusto Sampaio, Danilo Marcondes, Felipe Gomberg,

Hilton Augusto Koch, José Ricardo Bergmann, Júlio Diniz,

Luiz Alencar Reis da Silva Mello, Luiz Roberto Cunha e Sergio Bruni.

© Relicário Edições

Rua Machado, 155, casa 1, Colégio Batista

Belo Horizonte, MG – 31110-080

www.relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

*Coordenação editorial:* Máira Nassif

*Conselho editorial:* Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM), Ernani Chaves (UFPA),

Guilherme Paoliello (UFOP), Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG), Luiz Rohden (Unisinos),

Marco Aurelio Werle (USP), Markus Schaffauer (Universität Hamburg),

Patricia Lavelle (PUC-RIO), Pedro Sussekind (UFF), Ricardo Barbosa (UERJ),

Romero Freitas (UFOP), Virginia Figueiredo (UFMG).

*Preparação de originais:* Lindsay Viola

*Revisão tipográfica:* Cristina da Costa Pereira

*Projeto gráfico de miolo:* Flavia da Matta Design

*Foto Katia Muricy:* Evento Philos, Departamento de Filosofia da PUC-Rio

*Projeto gráfico de capa:* Caroline Gischewski

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Muricy, Katia

Figuras da verdade: Nietzsche, Benjamin e Foucault / Katia Muricy. –  
Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2020.

256 p.; 21 cm

Inclui bibliografia

ISBN (PUC-Rio): 978-65-990194-8-7

ISBN (Relicário): 978-65-86279-11-5

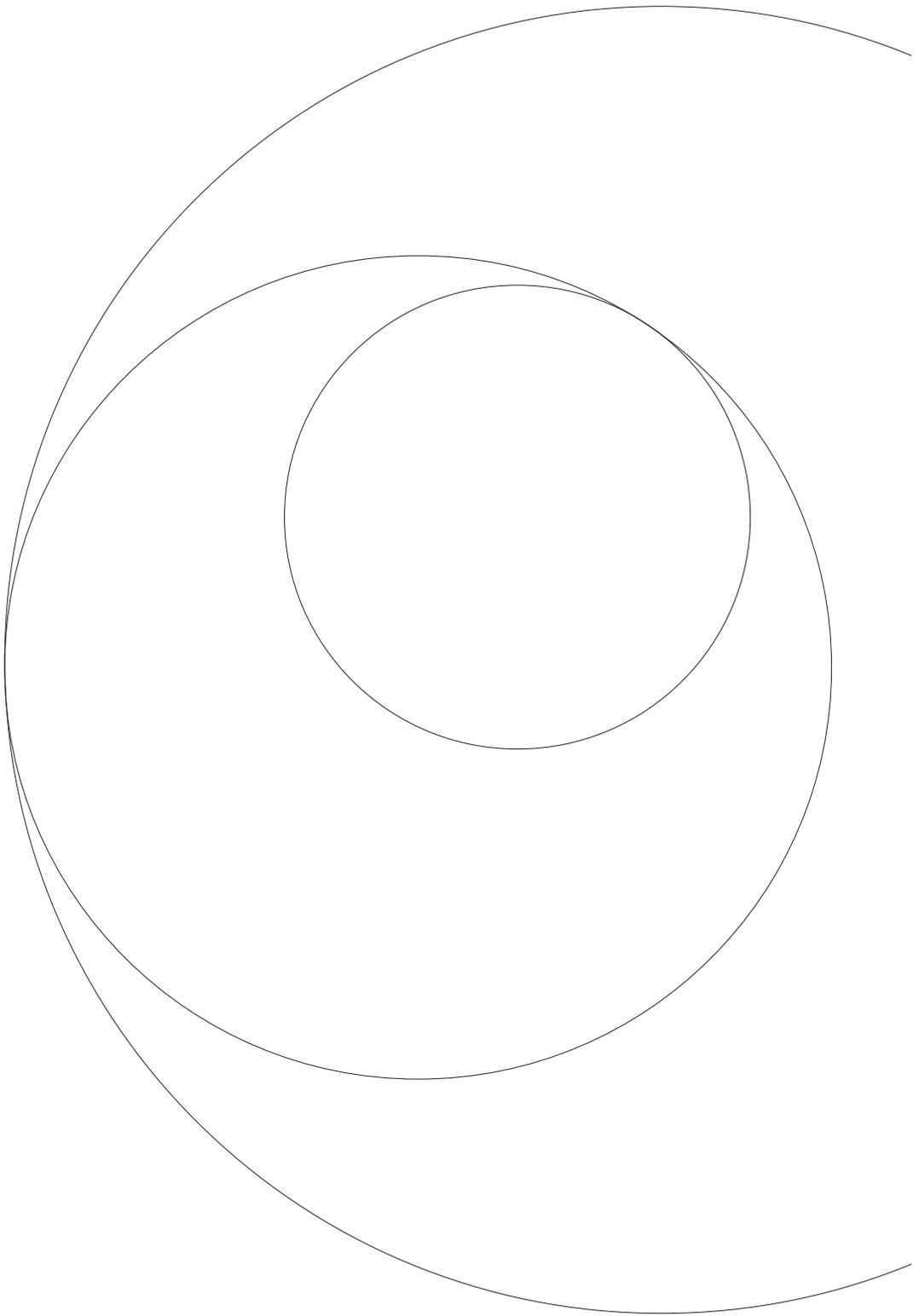
1. Filosofia. 2. Verdade. 3. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.  
4. Benjamin, Walter, 1892-1940. 5. Foucault, Michel, 1926-1984. I. Título.

CDD: 100

Elaborado por Marcelo Cristovão da Cunha – CRB-7/6080

Divisão de Bibliotecas e Documentação – PUC-Rio







APRESENTAÇÃO

Há tempos escrevi estes ensaios. Não mudei quase nada neles, agora que os publico reunidos. Tampouco cortei as repetições que os unem. Fiz pequenas correções que corrigiram imprecisões e que, talvez, provocaram outras. É, de certa maneira, um autorretrato ou, ao menos, o esboço de um: minhas “exterioridades”, no entanto, tão íntimas, depois de algumas décadas de convívio.

Descubro, agora na perspectiva do fim de um ciclo acadêmico, que os três autores que sempre me interessaram desenhavam uma identidade. Nietzsche, Walter Benjamin e Michel Foucault foram os meus companheiros, meu assunto nas aulas que dei três vezes por semana durante mais de trinta anos, nas pesquisas e nos artigos acadêmicos, nas dezenas de teses orientadas, mas também em resenhas de jornais e, principalmente, na formulação de algo bem maior do que todas essas outras grandezas. Sem me dar conta, sem que tivesse muita clareza quando escrevia sobre eles, permitiram que eu formulasse as minhas questões, aquelas abertas pela vida que vivi – o que realmente me interessa na filosofia.

Veja ou outra eu consolava os meus orientandos, angustiados por perceberem que suas teses juntavam, ao comentário do autor tratado, uma avalanche de doutos comentaristas que, se construíam uma garantia de autoridade, faziam com que eles, em onerosa contrapartida, desaparecessem como autores. Parece que o consolo funcionava, não sei. Porém, não arrefecia a minha própria angústia. O encolhimento do autor diante do filósofo analisado parece ser próprio do comentário filosófico, sem que eu tenha até hoje me decidido se isso é uma virtude ou um pecado. Estou convencida de que, no nosso tempo, o ensaio garante a sobrevivência da filosofia, mas também que esta forma é uma difícil lapidação de questões que, se formuladas com sucesso, garantem acima de tudo a impossibilidade de respostas absolutas. Talvez eu tenha conseguido poucas vezes tocar esse ideal. Já seria o bastante.

Assim, o que me motiva nessas tentativas é a consideração da linguagem, do texto ou da escrita filosófica em sua condição de forma, fracassada ou bem-sucedida, de apresentação da verdade. Em alguns ensaios a questão está claramente posta, em outros, ela se esconde, às vezes de mim mesma. Tangenciando-a, eles tratam da história, da crítica de arte, da cultura, da literatura, da pintura, da política. Como suas questões são recorrentes, optei por organizá-los em ordem cronológica decrescente, tão adequada quanto outra qualquer, mas tendo o mérito, para mim significativo, de não privilegiar temas, nem autores.

Gostaria de acreditar que o leitor em algum momento percebesse o que o distanciamento dos anos me permitiu entender: ao tratar de todos esses assuntos, escritos em tempos diferentes, o que eu buscava era falar da vida de todos nós ou, com mais modéstia, da minha vida no incontornável momento que nos foi dado para viver.

